



Fig. 4. Capa de *O Soldado João*

soldado bom, que permanece fiel à sua origem rural, aos seus princípios e valores, e revela uma ética em tudo surpreendente.

Nos antipodas da vontade bélica, os gestos singelos e sinceros de João acabam por pôr fim a uma guerra e à destruição. Note-se que a autora trata o tema da guerra num momento em que a Guerra Colonial (1961-1974) ainda vigorava, revelando a sua natural frontalidade e o seu compromisso ético-político, em mais um gesto que podemos considerar como destemido. A origem da narrativa é, aliás, conhecida:

«Luísa Ducla Soares inventou este soldado João olhando a linha do horizonte na praia de Armação de Pêra, no Verão de 1971. Luísa imaginava o horror que se passava para lá daquele mar imenso e o que aconteceria se o gentil vizinho do toldo ao lado do seu fosse convocado para a Guerra do Ultramar. O vizinho era o escritor neo-realista João José Cochofel. Ao nome do escritor adicionou Luísa a origem humilde que marcou, naqueles anos 60 e 70, a cruel separação de milhares de jovens das suas aldeias e famílias, magalas de olhos ingénuos e espantados, carne para canhão na cruenta Guerra Colonial. // Quando, em 1972, Luísa tentou a publicação d' *O Soldado João* na Secção Infantil do *Diário Popular*, a zelosa mão da censura riscou a azul todo o texto.» [13].

Todavia, tal como sucedeu com a *História da Papoila*, Luísa Ducla Soares contou com o interesse da Editorial Estudos Cor e a sua história pacifista veio, por fim, a lume em 1973, com uma interessante composição visual, uma vez mais, assinada por Zé Manel.

As ilustrações de Zé Manel para *O Soldado João*¹⁶ reiteram com elegância, espírito e humor a narrativa de Luísa Ducla Soares. Como lembra Jorge Silva, «A experiência de Zé Manel na guerra a sério manifesta-se na guerra a brincar do soldado João com as óbvias semelhanças de um dos beligerantes da história com Spínola, o carismático general do monóculo» [13].

Mas a composição visual do ilustrador evidencia, ainda, um conjunto de outros aspectos dignos de nota, especialmente se a cotejarmos, ainda que muito sucintamente, com as ilustrações da autoria de Dina Sachse, Assunção Melo e Morena Forza, patentes, respectivamente, nas três distintas edições – 2001, 2008 (Civillização Editora) e 2015 (Porto Editora) – que se seguiram à primeira, ou seja, àquela por nós distinguida.



Fig. 5. Pormenor do miolo de *O Soldado João*.

16 Cf. «Entre as muitas obras para a infância por si ilustradas, destaca-se a edição original de *O Soldado João*, uma história anti-belicista de Luísa Ducla Soares, que, em 1973, inaugurou a coleção *Cor Infantil* da Editorial Estudos Cor, então dirigida por José Saramago. A história, com o seu apelo à paz, concebeu originalmente para o suplemento infantil do *Diário Popular*, onde [sic] fora proibida pela censura.» (in <https://bedeteca.wordpress.com/2019/02/06/ze-manel1944-2019/>) (consultado no dia 08/02/2019).



Note-se, por exemplo, que, ainda que recorrendo a uma paleta de cores bastante restrita, Zé Manel é, mesmo assim, bem sucedido, num significativo jogo pictórico que assenta na alternância cromática entre os cinzentos e os sombrios – por exemplo, na representação do protagonista, quando este parte para a guerra e deixa a sua aldeia [16] – e alguns segmentos em tons bastante fortes, tal como, por exemplo, o quadro final. Além disso, observem-se as implicações semânticas das formas geométricas e angulares que sustentam a representação visual da figura do herói na abertura do relato (e visível logo na capa da obra) e o facto destas darem lugar a formas arredondadas, mais leves, e a traços finos no desfecho. A já referida oscilação cromática pode ser constatada numa série de outras recriações visuais distintas, antitéticas, até, de momentos disforicos e de outros eufóricos ao longo do relato. Com efeito, Zé Manel possui uma sensibilidade muito emoldurada não apenas pelo contexto histórico, mas também por marcas de uma salutar portugalidade que, na realidade, são descuidadas pelas já referidas ilustradoras das edições posteriores da obra.

Finalmente, em *O Ratinho Marinho* (1973)¹⁷, volume nº 5 da coleção «Cor infantil» da Editorial Estudos Cor, Luísa Ducla Soares, sob o signo da viagem, uma incursão protagonizada pela figura animal personificada que o título introduz, retoma os temas da liberdade e da busca da felicidade.

Texto narrativo em verso, esta é uma obra profusamente ilustrada, colocando sempre em primeiro plano um pequeno animal antropomórfico.

Fig. 9. Pormenor do miolo de *O Soldado João* (1ª ed.).

17 Cf. Almanaque Silva: 1973 Soares, Luísa Ducla, *O Ratinho Marinho*. Lisboa: Cor Infantil, Editorial Estudos Cor. Capa 1 li. 4 cores, miolo 14 li. 4 e 1 cor (<https://almanaquesilva.wordpress.com/ze-manel/>).